

5ª Acção Internacional da Marcha Mundial da Mulher



Ficha Técnica

Título: Quinta Acção Internacional da Marcha Mundial da Mulher

Propriedade: Fórum Mulher

Coordenação Geral: Júlia Mfumo

Fotografias: Fórum Mulher

Redacção: Tânia Machonisse

Projecto Gráfico e Maquetização: Daniel Tinga

© 2020 Fórum Mulher

5ª Acção Internacional da Marcha Mundial da Mulher



DAVID RICE

COM

11

Introdução

Celebrou-se no Dia 17 de Outubro a cerimónia de encerramento da 5ª Acção Internacional da Marcha Mundial das Mulheres (MMM). A 5ª Acção da MMM teve por objectivo trazer vozes de Mulheres de todo o Mundo e expôr os desafios inerentes à violência que as Mulheres enfrentam nos espaços públicos, no acesso à Terra, nos espaços de tomada de decisão principalmente nas esferas política e económica. A MMM decorreu de forma virtual devido a conjuntura mundial trazida pela pandemia da COVID-19. No entanto, o Fórum Mulher (FM) realizou junto com seus parceiros Acções do Rovuma ao Maputo que pudessem simbolizar o encerramento da 5ª Acção da MMM. Foi deste modo que em todo o país foram desenvolvidas actividades que incidiram na reflexão sobre práticas agrícolas, reivindicação do acesso à Terra para as Mulheres, a segurança alimentar, a valorização do trabalho da Terra, direitos sexuais e reprodutivos das Mulheres e raparigas e outros. Portanto, Mulheres de todo o Moçambique estiveram neste dia a erguer as suas vozes em torno dos seus desafios.

Contexto

Por: Maira Domingos

Directora de Programas do Fórum Mulher

Celebra-se o encerramento da 5ª Acção da MMM como o reconhecimento dos ganhos que as Mulheres conquistaram na luta pela igualdade de direitos da Mulher em todos os sectores da vida. Celebra-se acima de tudo o Feminismo como uma luta política mundial.

Recorde-se que o Fórum Mulher (FM) e todas as organizações que compõem o FM realizou a Primeira Acção das Marcha Mundial das Mulheres no ano de 2000 com duas reinvenções importantes:

1. Igualdade de direitos na Lei da Família
2. Criminalização da Violência Doméstica

Naquela altura tanto quanto hoje, as mulheres sentiam-se cansadas e carregavam o fardo da Violência Baseada no Género (VBG), em especial a violência doméstica o que contextualizou a demanda pelas prioridades acima referenciadas na agenda política nacional. Assim, foram desenvolvidas Acções que culminaram com a aprovação da Lei da Família. A luta contra a violência das Mulheres estimulou Acções que possibilitaram a criação de uma ferramenta pública (Lei) que penalizasse a Violência contra as Mulheres. Desta forma, celebra-se o encerramento da 5ª Acção da Marcha Mundial das Mulheres cientes de que as prioridades definidas na luta pelos direitos das Mulheres em Moçambique foram respeitadas e positivamente enquadradas na agenda política nacional.

Na 5ª Acção da Marcha Mundial das Mulheres (5ª MMM) o lema foi: Resistimos para Viver e Marchamos para Transformar. Portanto, o sentido da Marcha não é apenas física mas uma Acção para transformação social, cultural, política e económica que reivindique persistentemente contra todo o tipo de violência e opressão a Mulher. Assim, torna-se necessário identificar nas nossas vivências sociais e culturais as diferentes formas objectivas e subjectivas em que o patriarcado nos torna por um lado reféns da sua lógica ou ideologia, e por outro, vigilantes em relação à essas mesmas ideologias e práticas culturais que servem para oprimir as mulheres. Alguns exemplos dessas práticas culturais são:

1. Pedir autorização do companheiro para estudar e trabalhar;
2. Não poder decidir sobre quantos filhos ter e quando os ter;
3. Quando educamos os meninos a valorizar as suas irmãs como inferiores à eles;
4. Quando um casal tem apenas filhas (mulheres) e nenhum filho (homem) o companheiro, a sociedade e os demais familiares exigem que o casal tenha pelo menos um menino;

5. Não aceitar um cargo de chefia porque o companheiro não tem o mesmo cargo e não ser admissível socialmente que uma Mulher tenha um salário superior ao seu companheiro;

6. Não poder conviver com Mulheres solteiras porque elas constituem perigo para o casamento de outras Mulheres ou mesmo porque a sociedade valoriza a Mulher solteira como promíscua;

7. A culpabilização da Mulher sempre que uma filha engravidou fora do casamento ou quando um filho tem uma conduta desviante. Vivemos a responsabilidade parental não partilhada dentro das nossas famílias, sobrecarregando a Mulher na educação e orientação dos filhos e das filhas;

8. Não ser permitido que a Mulher negocie a sua vida sexual com o seu parceiro, pois muitas vezes a Mulher é educada para entender que nunca deve negar manter relações sexuais com o seu companheiro;

9. Quando nas famílias o direito à educação é negado à menina e é oferecido ao menino.

Estes são exemplos que vivenciamos no nosso quotidiano; estes são exemplos de como a opressão se manifesta na vida das Mulheres todos os dias. Por isso, devemos reconhecer que o capitalismo e o patriarcado estão no nosso dia-a-dia e assim devemos caminhar todas juntas todos os dias vigilantes na reivindicação da igualdade e justiça em relação aos nossos direitos humanos enquanto Mulheres.

Movimento Feminista em Moçambique e o aprendizado com as organizações internacionais

Nossa voz, nossa agenda:

Somos sim Feministas e precisamos trazer mudanças na visão das lideranças locais, nacionais e internacionais face as relações de poder desiguais entre Homens e Mulheres. Propomos uma ideologia dialogante, participativa e transformadora da sociedade que possibilite reduzir a violência baseada no género.

Devemos ser vigilantes sobre como o patriarcado naturaliza e legitima a opressão contra as Mulheres;

Devemos ser vigilantes sobre como o patriarcado instrumentaliza as Mulheres para que elas sejam agentes e cúmplices da opressão contra outras Mulheres;

Marchamos pela liberdade, pelo questionamento das políticas públicas que excluem as Mulheres e pela penalização de toda a forma de violência contra a Mulher e rapariga.

Contexto do Movimento Feminista em Moçambique

Por: Terezinha da Silva

O FM nasce da consciência de que a luta pelos direitos humanos das Mulheres é uma agenda política e de importância nacional e internacional. Em 1995, na Conferência de Beijing na China, onde mais de 20mil participantes de todo o mundo se reuniram para traçar directrizes sobre como lutar por um mundo mais igualitário e justo para Homens e Mulheres, Moçambique se fez igualmente presente e abraçou a causa.

O Feminismo é um movimento político internacional que defende e advoga pelos direitos de Homens e Mulheres. No entanto, a experiência ou vivência social, política, económica, académica ou científica, bem como cultural mostra que os direitos dos Homens sempre estiveram de alguma forma salvaguardados e acima dos direitos da Mulheres em todos os sectores. Por isso, o Feminismo luta por este equilíbrio, por esta igualdade de direitos e oportunidades entre Homens e Mulheres. Desta forma, o FM juntou-se a MMM.

Através da MMM representamos várias vozes e várias lutas de todos os quadrantes do Mundo. Hoje as gerações mais jovens são chamadas a tomarem o seu legítimo lugar na liderança desta luta pelos direitos das Mulheres. Com a COVID-19 acompanhamos que o número de casos de violência contra a criança, rapariga, mulher e idoso tem aumentado não apenas em Moçambique mas em todo o Mundo. Esta é mais uma razão pela qual faz sentido continuarmos nesta Marcha Mundial da Mulheres (MMM) representada por todos os países do mundo para que juntos possamos continuar a levantar a voz e a promover acções pelos direitos das Mulheres e o fim de toda a forma de violência. Somente unidas podemos fazer com que a nossa causa seja reconhecida pelas lideranças nacionais e internacionais que têm o poder de implementar melhores políticas visando um mundo mais justo e livre de violência contra a Mulher. Ademais, esta luta já tem os seus frutos. Hoje podemos dizer de viva voz que graças ao Movimento Feminista em Moçambique, conseguimos a provar a Lei da Família, o aborto seguro e a Lei de Terra que protegem a Mulher e garantem que os seus direitos fundamentais na família, na saúde e no acesso à terra.



Especificamente sobre a Lei de Terra, estamos num momento importante de revisão da Política Nacional de Terras. Portanto, devemos aproveitar esta oportunidade para incluirmos as nossas demandas para que este processo culmine com a melhoria e protecção dos direitos da Mulher no acesso à Terra. Por exemplo, quantas vezes a terra é retirada da Mulher apenas porque ela não possui documentação? No entanto, sabe-se que 80% da terra pertence a Mulher, ela é que cultiva a Terra garante por essa via o sustento de muitas famílias. Assim, devemos continuar a defender os ganhos que conquistamos no que tange a premissa de que a Terra não pode ser vendida e de que a mesma deve continuar a pertencer ao Estado Moçambicano. Pois, no contexto de uma demanda cada vez maior da indústria extractiva em Moçambique os interesses comerciais e económicos podem se sobrepôr aos direitos de uma camada social vulnerável da qual a Mulher continua fazendo parte. Portanto, devemos prosseguir com a luta, os desafios continuam presentes na luta pelos direitos das Mulheres. ***O encerramento da 5ª Acção Internacional da Marcha Mundial das Mulheres deve servir para fortalecermos os nossos ideais e buscar ampliar as parcerias a nível local, nacional e internacional pela luta dos direitos das Mulheres.***



4-9
 Epidemia - COVID-19

Nós Mulheres sabemos que a COVID-19 é uma doença de manifestação coletiva que rapidamente se espalha por contágio direto ou indireto atingindo um grande número de pessoas em um determinado lugar.

Conseqüentemente, não estamos satisfeitas com a abertura das aulas no ensino primário e para isso devemos nos mobilizar a sociedade em geral na matéria de prevenção de Coronavírus.



Como compreendemos o sentido da luta pelos direitos da Mulher? Resistimos o quê e para quê? Quais são as nossas resistências e o que queremos transformar?

Por: Maira Domingos

Como Mulheres jovens moçambicanas o desafio é continuarmos a fazer mais e melhor pela causa da Mulher e da Rapariga em Moçambique. Assim, a nossa visão é:

- de que mais Mulheres de todas as idades, estratos sociais, e de todas as regiões de Moçambique abracem e lutem pela causa dos seus direitos sejam elas membros ou não do FM;
 - resistir contra todo tipo de violência contra a Mulher e Rapariga;
 - solidarizarmo-nos com as lutas de outras Mulheres ao redor do Mundo que são vítimas de racismo e do passado histórico que remete a uma estrutura social baseada em classes, castas e raças, que limitam o acesso das classes mais baixas e raças historicamente oprimidas pela escravatura a uma educação e saúde de qualidade, ao emprego digno e aos direitos humanos fundamentais;
 - advogar pelos direitos humanos das Mulheres em todos os sectores;
 - ampliar a rede de parcerias nacionais e internacionais na busca de sinergias para estender cada vez mais as Acções de promoção dos direitos das Mulheres para todos os cantos de Moçambique;
 - continuar com acções de promoção de mudança pelo bem-estar, justiça e igualdade de direitos entre Homens e Mulheres no Mundo inteiro;
 - propôr melhoria de políticas públicas que sejam cada vez mais abrangentes para as camadas socialmente mais vulneráveis.
-
- As Mulheres continuam cansadas da violência doméstica;
 - As crianças continuam sofrendo violência sexual;
 - Queremos que a sociedade mude a ideia de que uma Mulher nasce apenas para ser um objecto de prazer sexual para os Homens, sejam eles pais, padrastos, tios, avós, professores, e chefes nos locais de trabalho;
 - Queremos ter a liberdade de existir como seres humanos, sem medo dos Homens, sem medo de andarmos sozinhas na rua seja de dia, seja de



noite, sem medo de deixarmos as nossas filhas sozinhas em casa com um parente do sexo masculino, sem medo do assédio e da violação sexual;

- Queremos que a justiça actue de forma firme e exemplar para todos aqueles casos de violência contra Mulher nas nossas comunidades, pois só assim a sociedade vai respeitar e proteger a Mulher;

- Queremos que a Mulher assim como o Homem possa existir num ambiente seguro, de paz para poder contribuir com o seu talento e conhecimento no desenvolvimento de Moçambique;

- Queremos Paz;

- Queremos transportes seguros e dignos para as Mulheres, onde ela possa ser respeitada e se sentirem seguras;

- Queremos que os espaços públicos, sejam eles escolas, empregos, hospitais, transportes, ruas, mercados e outros garantam segurança contra qualquer tipo de violência e desrespeito a dignidade e integridade da Mulher e da Rapariga;

- Queremos mais união entre as organizações que lutam pela causa da Mulher e da rapariga, porque dispersas somos fracas. Não existe Feminismo sem Feministas. Não podemos abandonar a causa da Mulher; só podemos ser um movimento se estivermos todas unidas.



QUEM É O
MULHER QUE
VIVEMOS HOJE?

Requeremos
Mais Mulheres
em Políticas
de Desenvolvimento
Economico

Requeremos
Mais Mulheres
em Políticas
de Desenvolvimento
Economico

Solidariedade feminista como ferramenta de transformação

Por: Maira Domingos

A solidariedade feminista que consiste em ter empatia pelos desafios de outra(s) Mulher(es) é uma das ferramentas mais importantes na luta pelos direitos das Mulheres. Moçambique vive hoje um ambiente de guerra na província de Cabo-Delgado que tem afectado as Mulheres daquela província. As Mulheres estão perdendo seus filhos em Cabo-Delgado, seus bens, suas terras e seus direitos fundamentais, porque falar de direitos humanos é falar de Paz. Portanto, não podemos estar, como movimento feminista, indiferentes ao sofrimento das Mulheres de Cabo-Delgado. Não podemos estar indiferentes a violência que as Mulheres de Cabo-Delgado estão a enfrentar. A COVID-19 também impõe novos desafios para as Mulheres de Moçambique, mas também de todo o mundo. O peso do capitalismo na vivência das Mulheres se faz sentir neste contexto de pandemia. Aquela mulher que já vivia com pouquíssimas condições para se sustentar a ela e seus filhos, hoje deve acrescentar nas suas despesas a compra de máscaras para ela e sua família, deve ainda agregar a compra do álcool em gel. Portanto, na visão do movimento feminista esta pandemia veio favorecer ainda mais o capitalismo e causar mais encargos para as Mulheres.

A violência sexual contra a Mulher e Rapariga ainda constitui uma lugar de resistência pois ainda representamos culturalmente e socialmente um instrumento de prazer sexual para os Homens. É este valor social em que a Mulher representa um objecto sexual que legitima a violência sexual contra a Mulher e rapariga. Quando a Mulher e a rapariga estão no espaço público, de noite ou mesmo de dia, ela sofre violência sexual, muitas vezes a hora, a roupa ou mesmo outro tipo de justificação que legitime esta violência é trazida como argumento válido para que a vítima seja acusada de ter estimulado a violação sexual. Portanto, o espaço público ainda não pertence às Mulheres e Raparigas. Elas ainda não estão seguras e protegidas quando saem de suas casas para ocuparem o espaço público. Por isso, nós Mulheres devemos desenvolver a empatia, a solidariedade por outras Mulheres e buscar proteger e lutar pelo respeito e valor social da Mulher no espaço público.

As Mulheres continuam sendo instrumentos do patriarcado e lutamos para

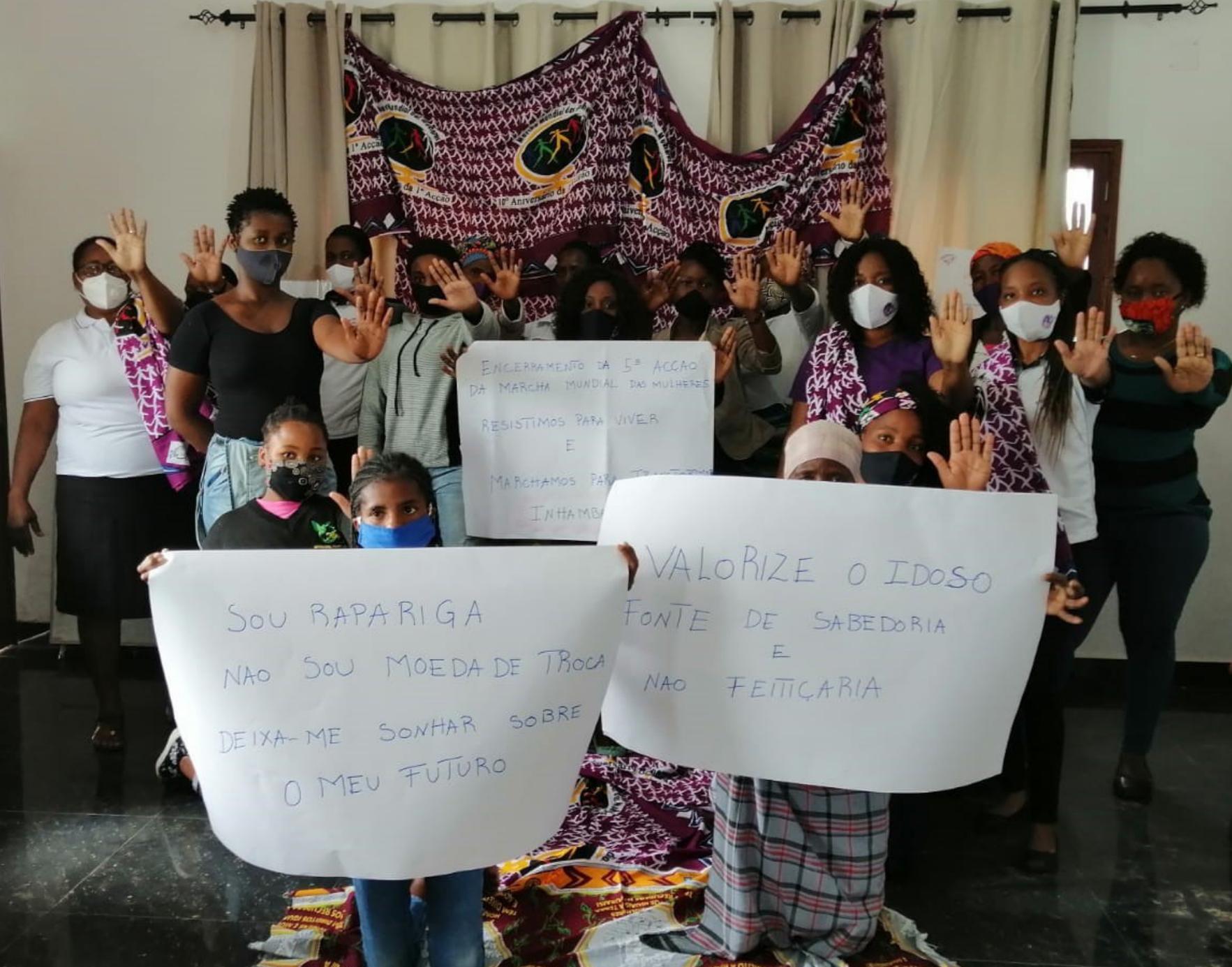
transformar esta realidade. Temos o desafio, enquanto movimento feminista, de transformar a construção social que a Mulher tem dela própria que se sustenta na sua inferioridade perante o Homem e no o seu papel enquanto guardiã dos privilégios dos Homens.

Estrela Enosse Mboe

NAFES Núcleo das Associações Femininas de Sofala

A nossa participação na MMM 2020, representa o nosso contributo na promoção da união das mulheres para fazerem parte de debates sobre os problemas que as afligem, estimulando-as a darem a sua voz para que sejam ouvidas principalmente de espaços de tomada de decisão.





ENCERRAMENTO DA 5ª ACCAO
DA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES
RESISTIMOS PARA VIVER
E
MARCHAMOS PARA
INHAMBANE

SOU BAPARIGA
NAO SOU MOEDA DE TROCA
DEIXA-ME SONHAR SOBRE
O MEU FUTURO

VALORIZE O IDOSO
FONTE DE SABEDORIA
E
NAO FETICARIA



Verónica Maria da Conceição
Caetano Ngwenya

*Núcleo das Associações Femininas
de Tete (NAFET)*

A participação da NAFET na 5ª Acção da MMM em 2020 representou um marco histórico nesta luta pela emancipação da mulher, porque mesmo com os grandes desafios impostos pela pandemia da COVID 19 as mulheres encontraram uma forma de realizarem as suas acções com a mesma intensidade e em todo o mundo o grito foi o mesmo e sinto que houve avanços significativos não obstante serem necessárias acções permanentes e incisivas da transmissão das mensagens apelativas em todas as circunstâncias mesmo para aquelas que julgamos que estejam superiormente cultivadas.



Ana Matilde Macuácu

*Presidente da Associação
das Empregadas Domésticas
(AMUEDO)*

A nossa associação celebra o encerramento da 5ª Acção da MMM porque reconhece que apenas se unindo a outras Mulheres podemos ser mais fortes e trocar experiências para crescermos e melhorarmos a forma como lutamos pela causa de todas as Mulheres.



ANA MATILDE MACUÁCUA

Emelda Luís Mucuacua

*Colaboradora da Associação
da Mulher na Comunicação Social*

A associação se junta na cerimónia de encerramento da 5ª Acção da MMM pois é mais um espaço para compreendermos, como Mulheres ligadas a comunicação social, que pautas devemos continuar a priorizar na mídia que podem contribuir para a disseminação da informação sobre os direitos das Mulheres.



EMELDA LUÍS MUCUACUA

EXIGIMOS PAZ E
SEGURANÇA PARA AS
MULHERES DE CABO
DELEGADO: AS NOSSAS
VIDAS CONTAM

potem de nos

Nossas Corpos

Nossos Territórios

FORUM
MULHER

Denise Fazenda

*Associação Sócio-cultural
Horizonte Azul*

Unimo-nos ao encerramento da 5ª Acção da MMM porque queremos aprender com as nossas mães e irmãs mais velhas sobre a luta pela igualdade de género e direitos da Mulher e rapariga. Queremos também estar em espaços onde possamos fazer ouvir a nossa voz, os nossos problemas, e sonhos como raparigas em Moçambique e buscar junto com outras associações forças e coragem para seguir com a Luta.



DENISE FAZENDA



Resistimos para viver.
Marchamos para Transformar
Marcha Mundial das Mulheres
MOÇAMBIQUE



Falas que marcaram o fim da 5ª Acção da MMM

- Repúdio pelo aumento da violência contra Mulher devido a pandemia da COVID-19;
- Reivindicação para maior abertura na participação das Mulheres nos espaços de tomada de decisão;
- Reivindicação pelo direitos das Mulheres e raparigas terem o direito a decidir sobre os seus corpos, o que querem, e onde e quando querem ocupar o espaço público;
- Reivindicação pelo direito das Mulheres terem acesso à informação sobre a sua saúde sexual e reprodutiva e a vivência da sua sexualidade de forma saudável permitindo decidir quando, com quem, e quantos filhos querem ter;
- Repúdio pelas práticas culturais que limitam o acesso à Terra as Mulheres;
- Repúdio pelo feminicídio;
- Construção de alternativas e possibilidades de vida mais justa, livre e saudável para as Mulheres de todo o Mundo.





Declaração da 5ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres 2020

Neste 17 de outubro de 2020, nós, feministas da Marcha Mundial das Mulheres, em mais de 50 países e territórios, chegamos ao encerramento da nossa 5ª Ação Internacional, que tem marcado nossa ação coletiva desde o 8 de março deste ano. A pandemia não deteve o nosso movimento, foi justamente o contrário: hoje mais que nunca, frente à escalada autoritária e reacionária do capital: Resistimos para viver, marchamos para transformar!

Nosso lema se tornou mais concreto nestes tempos. A solidariedade feminista que sempre foi nosso princípio, tornou-se a prática central na garantia da vida em comum, atacada por uma crise pandêmica provocada pelo capital. A força das mulheres é incontornável: para sustentar o mundo e para transformá-lo.

Em nossas comunidades, cidades e países, vivemos graças a uma economia que não para, nem pelo COVID-19. É a economia que sustenta a vida: a dos cuidados, das camponesas, das artesãs, e de diferentes circuitos econômicos que ativaram e garantiram a produção de alimentos saudáveis e de serviços realmente indispensáveis.

A pandemia avança de maneira desigual, e é evidente como a direção política dos governos e do poder corporativo têm definido o impacto do COVID-19 nos nossos povos. A política de morte tem sido reforçada contra as e os mais pobres, a população negra, periférica e indígena.

Durante esse período, as mulheres na Palestina experienciaram com maior dureza os crimes da ocupação, a mesma opressão que se expressa sob diversas formas sobre as mulheres do Oriente Médio

e África do Norte, especialmente Líbia, Síria, República Saharai e Líbano. Além disso, territórios como Cuba e Venezuela enfrentam a intensificação do ataque imperialista à soberania popular, com seus bloqueios e ameaças de intervenções militares.

Em nossos lugares de vida e luta, denunciemos o uso da pandemia como desculpa para aumentar a militarização dos territórios e a criminalização dos movimentos sociais, abrindo ainda mais as portas para o poder das transnacionais e o endividamento, o ataque às democracias e a ampliação do controle das tecnologias de vigilância sobre nossa vida, nossos territórios, nosso trabalho. É um sistema que nos quer silenciadas, desmobilizadas e superexploradas. Por isso, somos atacadas quando lutamos pelos nossos direitos e autodeterminação.

A esse sistema dizemos não! Não ao chamado das elites e dos governos de direita para o retorno à normalidade. Porque o que eles chamam de normalidade, nós chamamos de capitalismo racista, patriarcal e colonialista, onde não há espaço para a vida, onde poucos se enriquecem com o trabalho e a pobreza da maioria e a isso dizemos basta! Nós, as que sustentamos o mundo com nossa energia, trabalhos e cuidados, de Norte à Sul, dizemos que é o momento de construir outra normalidade, uma onde a vida e sua sustentabilidade estejam no centro.

Como movimento de mulheres anticapitalistas e antirracistas, estamos defendendo a vida há 20 anos e, por isso, não paramos de enfrentar a violência machista, racista e colonial e os avanços do conservadorismo. Perante essa agenda da morte, colocamos em marcha a agenda da economia feminista, dos bens comuns e do poder popular. Nosso “resistimos para viver” é inseparável do “marchamos para transformar”.

Para nós, a sustentabilidade da vida é: a autodeterminação dos corpos e territórios; a memória e os conhe-

cimentos ancestrais; a soberania alimentar, a agricultura familiar e camponesa, a agroecologia feminista; os cuidados, a produção, distribuição e consumo baseados em princípios da ecodependência e interdependência, em justiça ambiental, social e econômica; o direito de viver em um ambiente saudável e livre de violência patriarcal e racista, livre de transfobia e lesbofobia; o reconhecimento de que o trabalho doméstico e de cuidados é indispensável para a vida; o suporte dos sistemas de justiça antirracistas, a serviço do povo, em um mundo sem muros, onde as pessoas que migram sejam respeitadas e não criminalizadas. A sustentabilidade da vida só é possível com povos livres e soberanos, poder popular e democracia; com a desmercantilização da vida e o desmantelamento do poder das empresas transnacionais; com serviços públicos que garantam a reprodução social e o direito das

mulheres de decidirem sobre seus corpos, entre muitos outros princípios e exigências políticas que vamos construindo em nossas resistências cotidianas.

Trazemos nossas lutas e práticas concretas que transformam, nossas novas formas de ação política concebidas desde as experiências coletivas e colocadas em marcha como alternativas contra hegemônicas, desde a solidariedade e o internacionalismo popular. Seguimos lutando até que todas sejamos livres, pelas nossas vidas e por um futuro de igualdade, liberdade, solidariedade, justiça e paz em todos os territórios do planeta.

Resistimos para viver, marchamos para transformar!

Marcha Mundial das Mulheres, 17 de outubro de 2020

JUNTOS

VENCEREMOS

A

VIOLENCIA

